

?A História não deve ficar encerrada num universo estatístico?

2017/04/16 - 2:09pm

Em entrevista ao Esquerda.net, a jornalista Maria José Oliveira afirma que o livro intitulado ?Prisioneiros Portugueses da Primeira Guerra Mundial? visar dar uma identidade a todos os militares que foram presos no conflito para ultrapassar a frieza dos números .Por Pedro Ferreira.

Houve alguma motivação especial que a tenha levado a escrever o livro?

Além da mais óbvia que está relacionada com a evocação do centenário da entrada de Portugal na frente europeia da I Guerra Mundial, importa lembrar que em 2010 quando estava no jornal Público fiz uma investigação sobre o percurso do meu avó que foi feito prisioneiro após a batalha de La Lys e foi dado com desaparecido em combate e mais tarde como morto. Este facto fez com que a minha família tenha feito um funeral sem o corpo e o respetivo luto mas ele acabou por aparecer em janeiro de 1919.

A situação que acaba de descrever era comum?

Aconteceu em Portugal e nos outros países que estiveram envolvidos na guerra mas ainda em relação à primeira questão que me colocou gostaria de acrescentar que o livro resulta de um convite feito pela editora Sáda de Emergência.

Mas fez uma tese de mestrado em História na Universidade Nova de Lisboa relacionada com os prisioneiros portugueses na Grande Guerra.

Sim, mas gostaria de clarificar que apesar da editora me ter pedido para publicar a tese eu não o quis fazer devido às falhas que esta tinha, e assim fiz uma contraproposta que foi aceite o que me permitiu fazer uma nova investigação e encontrar outros fundos documentais que utilizei para escrever o livro.

E dessa forma acabou por explorar um tema que ainda não tinha sido abordado e que se prende com a vida dos jovens que foram enviados para os campos de detenção durante o conflito militar. Fê-lo para suprir alguma lacuna existente em relação a este período conturbado da História?

Na História como no jornalismo quando fazemos investigação nunca sabemos aquilo que vamos encontrar. Neste caso, revi documentação que já tinha e fiz novas pesquisas para ver se encontrava mais informação porque muitas vezes nos arquivos e na catagolgação há falhas que nos causam dificuldades.

É um trabalho que exige muita persistência?

Acima de tudo é preciso ter tempo e paciência e esses aspetos são uma marca do trabalho não só do historiador como também do jornalista. Eu, por exemplo, só colateralmente cheguei a informações nas pesquisas que fiz no Arquivo Militar, no Arquivo do Ministério dos Negócios Estrangeiros e também na Cruz Vermelha Portuguesa.

O facto de ser jornalista ajudou-a nessa tarefa?

Aproveito a sua pergunta para reafirmar que sou jornalista, não abandonei a profissão. Estou a fazer uma tese de doutoramento, sou investigadora do Instituto de História Contemporânea (IHC) mas profissionalmente continuo a ser jornalista embora com o estatuto de freelance.

Mas o aspecto que referi foi importante?

Há jornalistas que não sabem fazer investigação. Acontece que eu fiz investigação na área política, escrevi sobretudo sobre história política o que implicava que tivesse de procurar informação em arquivos e isso facilitou o meu trabalho.

Há alguma razão para essa falha que acaba de apontar em relação à comunicação social?

Na minha opinião, há dois aspetos que se prendem, nomeadamente com a falta de tempo ou incapacidade. Há um número muito reduzido de jornalistas que vão aos arquivos. Em Portugal, o número daqueles que o fazem é mesmo muito reduzido, contam-se pelos dedos de uma mão.

E isso prejudica a qualidade de informação que se faz no país?

Direi apenas que a investigação histórica e a jornalística segue a mesma metodologia com a diferença que a primeira é feita com pessoas que estão vivas e a segunda tem necessariamente que ser trabalhada através da documentação que está disponível.

Podemos então concluir que o livro que acaba de publicar foi fruto da experiência da jornalista e da historiadora?

Como já afirmei, não é necessário fazer essa separação, embora neste caso a História tenha ganho preponderância dado que os protagonistas já não estão vivos e por isso não houve a possibilidade de falar com eles, de os entrevistar.

Situem-nos então na Primeira Guerra Mundial. Na sua opinião quais as razões que levaram o poder político da altura a entrar no conflito?

Importa dizer que Portugal entrou na guerra logo em 1914 para garantir a manutenção do império colonial e nesse momento não houve sequer a constituição de movimentos anti-intervencionistas.

Houve consenso político?

Sim e também algum consenso social, apesar da maioria das pessoas não fazer a mínima ideia do que se passava em África.



TROPAS PORTUGUEZAS PARA FRANÇA: Acariciando a filha antes do embarque

(“Clôché” Benoit).

II SÉRIE

N.º 577

ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

Edição semanal do jornal O SÉCULO

Lisboa, 12 de Março de 1917

Director—J. J. DA SILVA GRAÇA

Propriedade de J. J. DA SILVA GRAÇA, Ltd.

Editor—JOSÉ JOUBERT CHAVES

PORTUGAL, COLÓNIAS PORTUGUEZAS E HESPAÑA
Trimestre, 1820 civ. — semestre, 2840 civ. — ANO, 4560 civ.
NÚMERO AVULSO, 10 centavos
Número avulso em todo o Brasil, 60 centavos

A censura empenhou-se em passar a mensagem de que a entrada de Portugal na guerra era uma missão patriótica a que ninguém devia ficar indiferente.

Mas as opiniões dividiram-se quando o país se mobilizou para a frente europeia?

Nesse momento, termina o caráter oficioso e Portugal entra de forma oficial na guerra e as minhas análises que incluíram a consulta das atas secretas do Senado, permitem concluir que esta decisão teve como objetivo central ganhar dinheiro, ou seja, Afonso Costa [1871-1937] e os seus correligionários achavam que a guerra seria ganha pelos aliados o que aconteceu e assim poderiam reclamar indemnizações pecuniárias alegando despesas de guerra.



Emocionei-me quando encontrei alguma documentação, sobretudo as cartas das mães para os filhos

No entanto, além dos custos humanos, a situação económica do país que era muito complicada piorou ainda mais com o esforço de guerra.

No decurso do conflito a dívida a Inglaterra continuou a aumentar e agravou-se o caos político e social devido à crise dos abastecimentos. Não havia comida e a fome generalizou-se tendo originado revoltas e pilhagens que o poder tentou estancar através de uma vaga de prisões sem precedentes.

Portanto, não colhe a tese daqueles que argumentam que a I República procurou através do seu envolvimento legitimar-se internacionalmente e menos ainda a ideia de procurar aliados para a eventualidade de Espanha querer anexar Portugal.

A tese peninsular não colhe de todo tal como a colonial. Vejo apenas algum fundamento na tentativa de legitimar o regime saído da Revolução do 5 de Outubro porquanto em 1914 a República tinha apenas quatro anos embora naquela altura já existissem outros países com regimes republicanos. Por isso volto a dizer que na minha opinião, a razão de fundo esteve relacionada com questões de natureza financeira.

E a estratégia teve sucesso?

Com algum custo e negociações, Portugal conseguiu assento na Mesa das Comissões de Reparações onde supostamente não deveria estar e ganhou uma pequena percentagem, eu diria ínfima percentagem que foi diminuindo ao longo da década de 20 devido às sucessivas reduções da dívida da Alemanha.

A esse fracasso, junta-se o drama humano daqueles que partiram para a frente.

Foi constituído o Corpo Expedicionário Português (CEP) e milhares de homens foram obrigados ir para a frente sem equipamentos adequados nem preparação militar que os habilitasse a enfrentar os horrores com que se iriam deparar. Foi uma crueldade dos principais decisores políticos da I República que entretidos nos seus jogos de poder não tiveram problemas em enviar para o "matadouro" jovens com pouco mais de 20 anos.

Até que ponto, a desastrosa participação portuguesa na Grande Guerra, abriu caminho ao golpe militar liderado pelo Marechal Gomes da Costa?

Para muitos historiadores entre os quais cabe destacar o professor Fernando Rosas, foi mesmo decisiva para o fim da I República e eu concordo em absoluto com a sua análise. O regime vivia em permanente convulsão, basta recordar que em 16 anos teve mais de 40 governos e isso conjugado com o desastre da guerra levou ao seu colapso.

É curioso que muitos oficiais que estiveram na frente tenham depois participado no golpe militar.

É importante que se tenha em linha de conta que estamos à distância de um século dos acontecimentos pelo que se torna fácil dizer isso. No entanto, não restam dúvidas que muitos dos que estiveram em cativeiro durante a guerra vão acabar por se posicionar ao lado daqueles que fizeram o golpe embora encontremos mais tarde alguns no movimento reviralista [frente de combate à ditadura protagonizado pela oposição republicana, democrática e liberal].

Como é que o povo viveu todo este período?

Portugal era à data um país onde o analfabetismo era generalizado e para se ter uma noção

do atraso do país nesta matéria basta atentar que numa população de 5 milhões de pessoas, entre 70 a 80 por cento era analfabeta. Por outro lado, logo em 1916 é instituída a censura e tornou-se difícil ter notícias fiáveis daquilo que estava a acontecer. Mas como já disse a população revoltou-se devido à fome e começou a assaltar os espaços comerciais porque não tinham onde comprar a base da sua dieta alimentar como o pão, legumes e hortaliças. Além disso houve aumentos brutais de bens como a batata que triplicou de preço. Tivemos assim a chamada "revolta da batata" mas também as greves dos telégrafos, da construção civil e uma paralisação geral.

E o regime respondeu a tudo isso com ?mão de ferro??

Com prisões e a instauração do recolher obrigatório. Nos registos do Governo Civil de Lisboa e também do Porto podemos verificar que há centenas de entradas diárias de crianças e adultos que são detidos por causa de roubos de alimentos.

Entretanto, dá-se a a batalha de La Lys, a 9 de abril de 1918.

Os alemães massacraram os militares que estavam nas trincheiras, exaustos e sem meios de resposta. Depois desse esmagamento, aqueles que sobreviveram foram para campos de detenção onde as condições de sobrevivência eram terríveis. Os que resistiram às doenças, à fome e a aos trabalhadores forçados são os verdadeiros heróis deste período negro da História de Portugal.

E é por essa razão que o seu livro tem o objetivo de dar uma identidade a estes homens que tiveram um nome, uma vida e uma família e por isso não devem ser reduzidos a um número, a uma estatística?

É preciso dar-lhes uma pequena biografia e foi isso que fiz porque os números não são memória, não são História. Eu sou uma grande defensora da divulgação popular da História na tradição anglo-saxónica para que toda a gente tenha acesso a ela. Por vezes, a história de uma pessoa por mais simples que seja conta mais do que a História de um país ou a História de um continente, em suma do que aquelas enciclopédias onde encontramos muitas estatísticas com números e gráficos.

Emocionou-se quando estava a escrever o livro?

Emocionei-me quando encontrei alguma documentação, sobretudo algumas cartas de mães para filhos...às vezes não é aquilo que se escreve que nos toca mas saber que houve pais que escreveram aos filhos sem saber se estavam vivos e depois também os erros ortográficos e a escassez de palavras porque não tinham vocabulário. Há algumas cartas em que as mães só assinam o nome, porque era só isso que sabiam fazer.

Expressa igualmente a sua revolta contra a glorificação das guerras e o jargão autojustificativo de frases como: ?os heróis que partiram para defender a Pátria? ou que ?morreram no cumprimento do seu dever para com a Pátria?.

As guerras deixam sempre marcas e é importante não esquecer as alterações que provocam na vida das famílias muitas das quais nunca mais se apagam. E esses discursos são hipócritas e usados há séculos porque não há ninguém que queira morrer pela pátria, são antes obrigado a morrer pela pátria. Este tipo de discursos vêm muito da tradição da I República e não são mais do que falsos motivos para a tomada de decisões que conduzem aos conflitos de natureza militar. Ainda recentemente nas guerras do Iraque ouvimos isso da

parte dos responsáveis dos Estados Unidos. E continuaremos a ouvi-lo seja em que latitude for.

Porque motivos há pouca bibliografia ou nenhuma sobre os presos de guerra portugueses da I Guerra Mundial?

O que não acontece só em Portugal mas também em Inglaterra que, ao contrário de Portugal, viu desaparecer uma geração muito letrada e qualificada de ponto de vista intelectual. Aquele país perdeu mais de um milhão de jovens e isso foi de tal modo dramático que a questão foi colocada na sombra. Em Portugal depois da I República seguiu-se o Estado Novo que continuou a impor o silêncio sobre o assunto e só alguns anos depois do 25 de Abril a historiografia olhou para o assunto mas sem espírito crítico e muito baseada em estatísticas. Eu entendo que a História não pode ficar encerrada nesse universo.

E desse forma presumo que seja insuscetível de chegar ao cidadão comum.

São bolhas que é preciso eliminar. Fala-se deste e outros assuntos mas dentro da academia ou nos meios militares e foi também por isso que fiz este livro para que ele possa chegar a toda a gente porque é urgente que todas as disciplinas das ciências sociais possam chegar ao maior número possível de pessoas. Sem facilitismos, esta é a única forma de romper com o elitismo e a lógica institucional patente nos discursos e assim universalizar o conhecimento.

O seu avô falava da guerra?

Eu tinha 9 anos quando ele morreu e por isso não falou comigo. Eu sabia que ele tinha andado na guerra e tinha a noção que isso era uma coisa má. Com a restante família falou pouco mas sabemos que passou muita fome e durante o cativeiro andou sempre com a mesma roupa e os mesmos sapatos. Foi duro, muito duro mas sobreviveu.

O seu livro já ajudou alguém a conhecer a história de algum antepassado que tenha estado no conflito?

Sim, tenho sido contactada por pessoas que me pedem ajuda porque querem saber o que aconteceu a um familiar que partiu para a guerra e nunca ninguém soube qual o seu destino. Recentemente alguém tomou conhecimento que um tio-avô que toda a família julgava que tinha optado por ficar a viver em França depois da guerra, tinha afinal sido feito prisioneiro tendo morrido no cativeiro num campo situado na Alemanha.

Sente-se compensada?

Sem dúvida que sim.



Aspetto das trincheiras em La Lys após a investida das forças alemãs.

Sobre o/a autor(a):

- [Biblioteca](#)
- [Agenda](#)
- [Jornal Esquerda](#)
- [Blogosfera](#)
- [Comunidade](#)
- [Revista Vírus](#)
- [Wikifugas](#)
- [Ficha Técnica](#)

Source URL: <http://www.esquerda.net/en/artigo/historia-nao-deve-ficar-encerrada-num-universo-estatistico/48133>